

Ensino médio: o que querem os jovens?

Jovens fazem grafite no muro de escola em Vaspesiano (MG)

Ana Paula Corti*

O ensino médio integra a educação básica, sendo o nível do sistema educacional que atende majoritariamente aos adolescentes e jovens. Essa especificidade torna-se porém, muitas vezes, invisível diante de políticas públicas que expandiram a cobertura do ensino médio em um contexto de baixo investimento, e a partir da infra-estrutura do ensino fundamental. Para se ter uma idéia, a rede estadual de São Paulo, responsável por 85,5% das matrículas no ensino médio, possui apenas 164 escolas exclusivas para atendimento desse nível de ensino, no interior de uma rede com mais de 5.000 escolas.

Os anseios e expectativas do público jovem que hoje tem acesso ao ensino médio não estão mais restritos à entrada na universidade, como ocorria na época em que sua clientela era formada por uma minoria pertencente a grupos sociais economicamente favorecidos. Durante boa parte de nossa história o ensino médio cumpriu papel propedêutico, ou seja, preparatório para os estudos superiores. Já hoje em dia a percepção geral, tanto da população quanto de especialistas em educação, é a de que o ensino médio não tem objetivos claros, sendo difícil perceber seu sentido social e seu papel na vida dos jovens.

A definição de políticas públicas mais adequadas e exitosas para o ensino médio passa hoje por esse debate sobre sua identidade, seu currículo mínimo e seus objetivos. Definições que, acreditamos, devem estar amparadas em estudos, pesquisas e conhecimentos acumulados, mas também no debate com a sociedade.



Os anseios e expectativas do público jovem que hoje tem acesso ao ensino médio não estão mais restritos à entrada na universidade.

Como organização da sociedade civil que atua para a construção de uma democracia participativa, a Ação Educativa entende que seu papel é, entre outros, o de fomentar esse debate de forma pública, consultando os próprios jovens e a comunidade escolar, trazendo suas experiências e expectativas. Foi esse o objetivo do Projeto Jovens agentes pelo direito à educação: mobilizar comunidades escolares em torno da discussão sobre “o ensino médio que queremos”.

Participou desse processo uma rede de 5 escolas públicas da cidade de São Paulo, através de 20 jovens a elas ligados, que foram capacitados pela Ação Educativa para promover pesquisas e processos de diálogo dentro das escolas. As ações foram realizadas em 2007, e a mais importante delas foi a realização de grupos de diálogo reunindo estudantes e diversos segmentos escolares, inspirados numa metodologia canadense denominada “Choicework”.

Foram realizados ao todo 8 grupos de diálogo envolvendo 177 pessoas, sendo 112 estudantes de ensino médio e 65 pessoas da comunidade escolar (professores, diretores, funcionários, coordenadores pedagógicos, familiares de alunos, supervisores e dirigentes de ensino). Cada diálogo reuniu as pessoas ao longo de 7 horas de trabalho, em que se debruçaram sobre duas questões centrais:

1ª ETAPA:	2ª ETAPA:
O que os jovens precisam aprender?	Que ensino médio queremos?

A primeira pergunta visava ao levantamento das necessidades de aprendizagem identificadas pelos jovens e outros segmentos escolares, para que, a partir delas, fosse construída uma reflexão sobre os rumos necessários para o ensino médio. Os participantes eram reunidos em pequenos grupos, que apresentavam

os resultados de seu trabalho numa plenária. A plenária tinha a tarefa de construir consensos a partir dos elementos trazidos pelos grupos, verificando os pontos principais nas apresentações e buscando identificar prioridades.

Verifiquemos no quadro abaixo quais as aprendizagens mais importantes para a vida dos jovens, conforme resultado dos grupos de diálogo:

O QUE OS JOVENS PRECISAM APRENDER?

Aprender a ter atitude e independência quanto aos estudos, à aprendizagem e às relações interpessoais e sociais

Obter informações e processos de aprendizagem que possam ampliar o entendimento sobre o mercado de trabalho (orientação profissional/vocacional)

Aprender por meio de processos lúdicos, dinâmicos e práticos

Aprender a ser um cidadão participativo

Ser estimulado e incentivado em relação aos estudos por governo, escola e família

O quadro traz uma síntese dos resultados das plenárias, e indica os pontos que apareceram com mais frequência e os que obtiveram maior grau de convergência e consenso. Chama atenção, de imediato, a demanda por uma escola capaz de ensinar aos jovens o próprio “ofício de aluno”, ou seja, o de comportar-se e agir de forma adequada ao contexto escolar, desenvolvendo habilidades e atitudes necessárias a um bom desempenho como estudante. Alguns dos aspectos citados são “ter vontade de aprender”, “aprender a gostar de aprender”, “levar a sério os estudos”, “aprender a expressar suas idéias e opiniões na escola”, “vencer a timidez para dialogar com as autoridades escolares e reivindicar seus direitos”, “aprender a trabalhar em grupo”, “aprender com os erros”, “exercitar a iniciativa, escolhas e tomada de decisões”, “aprender a ‘ouvir’ a escola” e “ser persistente diante dos obstáculos”.

Mesmo na etapa final da educação básica, os estudantes ainda precisam ser intencionalmente apoiados para construir esse papel de aluno. Isso exige um novo olhar para o ensino médio.

Observamos que, mesmo na etapa final da educação básica, os estudantes ainda precisam ser intencionalmente apoiados para construir esse papel de aluno. Isso exige um novo olhar para o ensino médio, que fica muitas vezes restrito à transmissão de conteúdos, com baixa intervenção sobre os aspectos comportamentais e sobre a atitude dos estudantes. Na verdade, supõe-se erroneamente que eles já chegam “prontos” para aprender. Isso é reiterado quando os jovens indicam a necessidade de serem incentivados a estudar.

Outro ponto crucial e que se desdobra diretamente no plano curricular é a demanda para que a escola promova a orientação profissional. Os estudantes, bem como outros segmentos escolares, principalmente os professores, propõem uma formação que possibilite o contato com o mundo do trabalho e das profissões, o contato com as carreiras universitárias e instituições de

ensino superior e o desenvolvimento de posturas requeridas pelo mercado de trabalho. Segundo os participantes, a preparação da escola para o mundo do trabalho não deve estar centrada na formação profissionalizante, mas na discussão sobre as características do mundo do trabalho e das profissões, no contato com as oportunidades de formação profissional – sejam elas acadêmicas ou não –, na disponibilização de informações e das oportunidades existentes, na reflexão sobre os percursos e escolhas individuais e no delineamento de projetos de inserção profissional.

Revela-se dessa forma um aspecto novo para o debate sobre o currículo de ensino médio. “Preparação para o trabalho não é sinônimo de educação profissional ou formação técnica” – esse parece ter sido o recado dado. Muito embora exista uma forte demanda por educação profissional, na percepção dos estudantes essa não deve ser a tarefa das escolas de ensino médio regular, e sim de instituições específicas. Cabe sim, à escola regular, promover aproximações com o mundo do trabalho apoiando os jovens em seus projetos de inserção profissional, incluída aí a reflexão sobre a universidade e o prosseguimento dos estudos em nível superior.



Alunos do ensino médio em sala de aula

Qual o ensino médio que queremos?

Na 2ª etapa os grupos puderam deter-se sobre essa questão. Como subsídio para a troca de idéias, foi por todos realizada a leitura do caderno de trabalho “Que ensino médio queremos?”, especialmente elaborado para essa finalidade. O caderno de trabalho trazia três caminhos possíveis para o ensino médio:

Caminho 1: O ensino médio deve formar para o trabalho

Caminho 2: O ensino médio deve formar para o ingresso no ensino superior

Caminho 3: O ensino médio deve formar para a vida e para a cidadania

Os grupos tinham como alternativas escolher um caminho, mesclar mais de um caminho, criar um novo caminho ou concluir que nenhum deles era adequado. Cada caminho era caracterizado a partir de pontos favoráveis e desfavoráveis, para que as pessoas ponderassem as possíveis conseqüências e riscos de sua escolha. Vejamos abaixo a síntese do resultado das plenárias finais:

QUE ENSINO MÉDIO QUEREMOS?

Privilegiar a formação para a vida e para a cidadania, considerando que ela abarca a preparação para o mundo do trabalho e para o prosseguimento dos estudos na universidade (junção dos 3 caminhos com ênfase no caminho 3)

Orientação profissional no currículo escolar do ensino médio

Metodologias mais ativas, visando ao desenvolvimento das potencialidades dos alunos, à sua motivação para os estudos e à maior proximidade da escola com a realidade

Essa é a nosso ver a grande novidade dos grupos de diálogo: os jovens querem do ensino médio uma formação que lhes ajude a traçar seus projetos profissionais.

A tônica dos consensos foi a junção dos 3 caminhos apresentados, mostrando que cada um deles tem uma importância em si, que não deve ser desconsiderada. Mas, ao longo dos diálogos, a caracterização e o significado de cada um desses caminhos foram sendo reconstruídos pelos participantes, sendo ao final enfatizada a formação para a vida e a cidadania envolvendo duas preocupações básicas: uma para com a própria formação dos jovens como aprendizes (embora estejam na última etapa da educação básica) e outra para com a sua formação como trabalhadores (o que envolve os estudos em nível superior). Essa formação exigiria uma inovação metodológica, pois o modelo atual é visto como incompatível para a formação do jovem como cidadão.

A demanda bastante acentuada, e que merece especial atenção da sociedade e dos formuladores de políticas públicas, é por orientação profissional nas escolas públicas. O apoio para a elaboração de escolhas profissionais deve envolver a disponibilidade de informações sobre o mundo do trabalho, as diferentes carreiras, os cursos universitários, oportunidades de estágio, entre outras, e também a chance de refletir sobre si mesmo dentro deste contexto social, ponderando as possibilidades e limites das carreiras como base para a construção de escolhas pelos jovens.

Vale destacar abaixo trechos de registros feitos pelos jovens agentes formados pela Ação Educativa sobre as conversas dos estudantes nos grupos de diálogo:

A escola que querem está associada à idéia de ter chances de construir um projeto profissional ao longo do ensino médio, instrução esta que atualmente não recebem. Que aprendam a construir, planejar e projetar uma escolha profissional melhor.

Através desses requisitos as pessoas mais pobres teriam mais chances de entrar nas universidades, porque estariam mais esclarecidos a respeito daquilo que querem fazer profissionalmente.

Os alunos ficariam mais motivados para estudar e concluir o ensino médio, pois identificariam aquilo de que gostam sem muitas frustrações. Propuseram a junção dos três caminhos. (Relatório de Heidy/Jovem Agente)

Aline² fala que a escola deveria fornecer noções sobre cada curso da faculdade.

Caio diz que isso se chama praticamente orientação profissional.

Márcia pergunta para Caio se ele, que já estava no 3º ano, sabia o que iria fazer na faculdade. Caio responde que não e Marcia fala que a escola deveria mostrar que cursos seria legal ele fazer.

Aline fala que na escola não deveriam só aprender como se tornar um profissional, mas também o que cada profissional faz. (Relatório Gleicy/Jovem Agente)

Essa é a nosso ver a grande novidade dos grupos de diálogo: os jovens querem do ensino médio uma formação que lhes ajude a traçar seus projetos profissionais. ❶

* ANA PAULA CORTI é Diretora de programas da ONG Ação Educativa; coordenou o Projeto Jovens agentes pelo direito à educação.

NOTAS

❶ O Ibase e o Instituto Polis utilizaram de forma pioneira essa metodologia no Brasil em 2005, em pesquisa nacional intitulada “Juventude Brasileira e Democracia”. A Ação Educativa coordenou a pesquisa na região metropolitana de São Paulo, quando tomou contato com o rico potencial desse método.

❷ Nomes fictícios.